

A TRAMA ENFÁTICA DO SUJEITO

Maria Cristina LEANDRO FERREIRA

kitty@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

1. Desvendando a tal da trama

Para início de conversa, inicio pelo título, explicando as circunstâncias de sua escolha. E trago uma breve passagem onde a expressão em foco aparece referida:

“Trata-se de um recurso habitual utilizar-se de tramas enfáticas quando se pretende reforçar um ponto de vista. Nesse caso, satura-se de sentido uma determinada idéia, não só repetindo certas palavras, mas também convocando outras que circunscrevem a mesma idéia. Utilizam-se então termos que em dado contexto se equivalem, formando quase que “cascatas” ou “blocos” de palavras que demarcam uma idéia-força.”(HANNIS, 2004 :17)

No presente caso, a idéia-força que está em jogo é o realce à família conceitual do sujeito, fazendo emergir todo um bloco de termos para reforçar a idéia de que o sujeito sofre determinações de várias ordens. Dizemos, então, que o sujeito *não é livre, não é centrado, não é dono de sua morada, nem tampouco pleno*. Essa repetição de termos dentro de uma mesma rede parafrástica satura de sentidos a idéia-força do assujeitamento e do inconsciente, que são marcas decisivas na configuração do que se vai entender por sujeito.

Supus que a expressão “trama” era apropriada, ao perceber que nunca nos parece suficiente falar do sujeito empregando uma predicação simples. É sempre necessário aduzir expressões com comportamento equivalente ou aproximado, como se faltasse algo a dizer. Na verdade, não estamos muito longe do cerne da questão: falar

do sujeito é falar, de algum modo, da falta que lhe é inerente e que o constitui.

Está aí, portanto, um dos sentidos para a trama. Mas há outro que vale destacar, e que tem a ver com a textura dessa trama, com sua urdidura complexa, multiforme e atravessada. A categoria do sujeito funciona semanticamente a exemplo de um bloco, de uma cadeia, e isso acarreta que ao se puxar um fio dessa rede outros venham entrelaçados. Isso significa, na presente proposta, que falar do sujeito afeta e implica, necessariamente, as concepções de *inconsciente*, *linguagem e ideologia*.

Teríamos aí, talvez, no caso da família do sujeito, uma trama enfática combinada com *uma trama articulada*, seguindo ainda a terminologia exposta pelo tradutor/psicanalista Luiz Alberto Hanns. As tramas de articulação, como ele diz, articulam os termos entre si pelas *diferenças* de sentido (portanto, inversamente às tramas enfáticas organizadas pela semelhança). “O que antes eram quase que aglomerados de palavras, quase que “cascatas”, agora é dissecado e tratado com maior discriminação” (p.19)

Vamos, então, entrar no detalhamento dessa noção e ver como ela se estrutura, se *articula* e como ela opera, analisando-a da perspectiva teórica do campo do discurso.

2. A categoria de sujeito e o nó borromeano

A categoria de sujeito procede da filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico. É sempre bom lembrar, contudo, que Freud, ainda que não a nomeasse diretamente, já tratara em textos iniciais, do que seria o essencial em matéria de inconsciente. A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da análise do discurso.

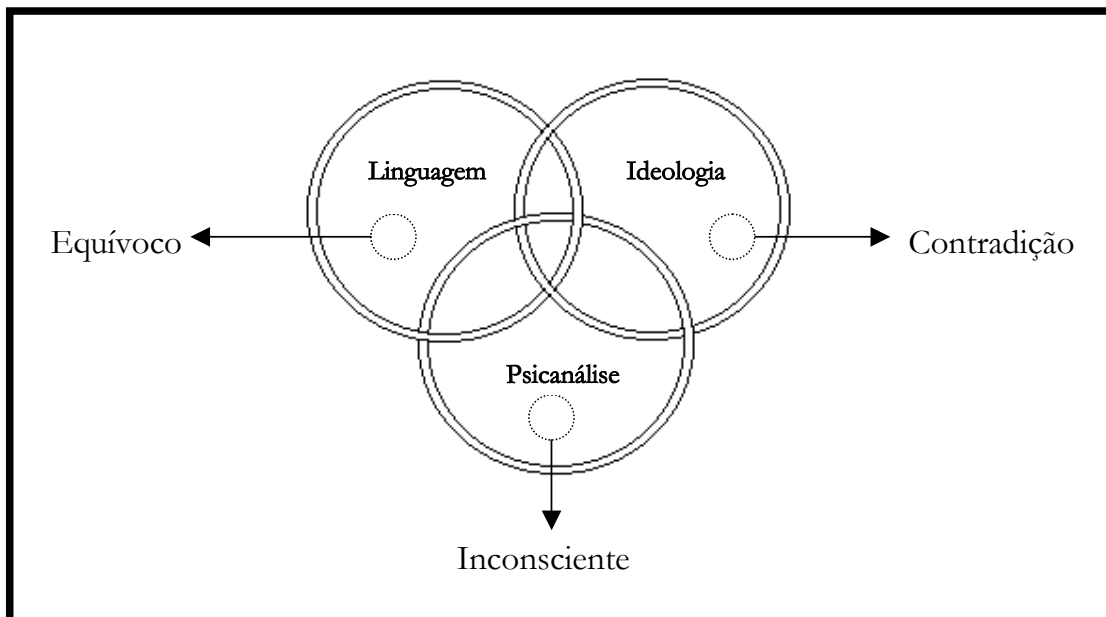
E Pêcheux não fica surdo a essa voz; muito ao contrário. Como homem de seu tempo, Pêcheux se angustiava com a concepção de sujeito cartesiano, sujeito do cogito, que circulava nas ciências

humanas. Para ele e seu grupo, a idéia de um sujeito centrado no seu próprio eixo, senhor de seus atos e de sua vontade e livre de determinações não satisfazia mais às inquietações da época. Trazer, então, a psicanálise para o campo epistemológico da análise do discurso, significava deixar entrar com força uma outra concepção de sujeito, um sujeito clivado, assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o moldam. É nesse ponto que se atravessa a psicanálise, com sua concepção revolucionária de sujeito do inconsciente, que representa uma ‘ferida narcísica’ insuportável para o amor-próprio da humanidade.

Uma marca fundante do sujeito que vem da psicanálise e é incorporada pela análise do discurso é sua *natureza intervalar*. Como diz Lacan, *o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante*, o significante é, então, binário, ‘lugar de escansão entre dois significantes’. Quem chama atenção para esse ponto é o psicanalista Marco Antônio Coutinho Jorge (2000:99), ao acentuar que ‘o sujeito é esse *entre* significantes’. É ele que liga os significantes uns aos outros.

Na Análise do Discurso, essa condição de entremeio nos concerne sobremodo, como uma característica fundante da disciplina e dos conceitos que nela são forjados. E é precisamente desse **lugar intervalar do sujeito, entre a linguagem, a ideologia e a psicanálise**, que estamos tratando aqui.

Devido a essa configuração particular do lugar do sujeito na teoria do discurso, ocorreu-me representá-lo como uma figura topológica – o **nó borromeano**. Esta figura, introduzida na psicanálise, por Lacan, é formada por três anéis, simbolizando uma tríplice aliança. Retirando-se um desses anéis os outros dois ficariam soltos e perderiam a interligação constitutiva. O que os sustenta, então, precisamente, é esse laço de interdependência que os estrutura solidariamente. Aqui o nó borromeano simbolizaria o lugar do sujeito no entremeio das três noções de *linguagem – ideologia – psicanálise*.



O sujeito estaria assim sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e deixando em cada uma delas *um furo*, como é próprio da estrutura de um *ser-em-falta*: o *furo* da **linguagem**, representado pelo *equívoco*; o *furo* da **ideologia**, expresso pela *contradição*, e o *furo* da **psicanálise**, manifestado pelo *inconsciente*. Daí decorre o fato de a incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que o compõem. É precisamente essa *falta* que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da análise do discurso.

O que intriga nessa questão da falta, enquanto região intersticial comum à Análise do Discurso e à Psicanálise, é o paradoxo que aí se manifesta, já que a falta é algo que nos completa pela ausência – é “a presença na ausência”, a que faz referência Lacan. Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. A falta é, então, tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua); impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira – o não-todo no todo, o não-representável no representado. Vejamos como fala desse estranhamento o psicanalista Luciano Elia(2004):

“o tal sujeito do qual falamos (...) é uma coisa muito estranha, que tanto mais existe e se realiza quanto mais ele é abolido, elidido, barrado. Esse é seu modo próprio de existir”.(p.69)

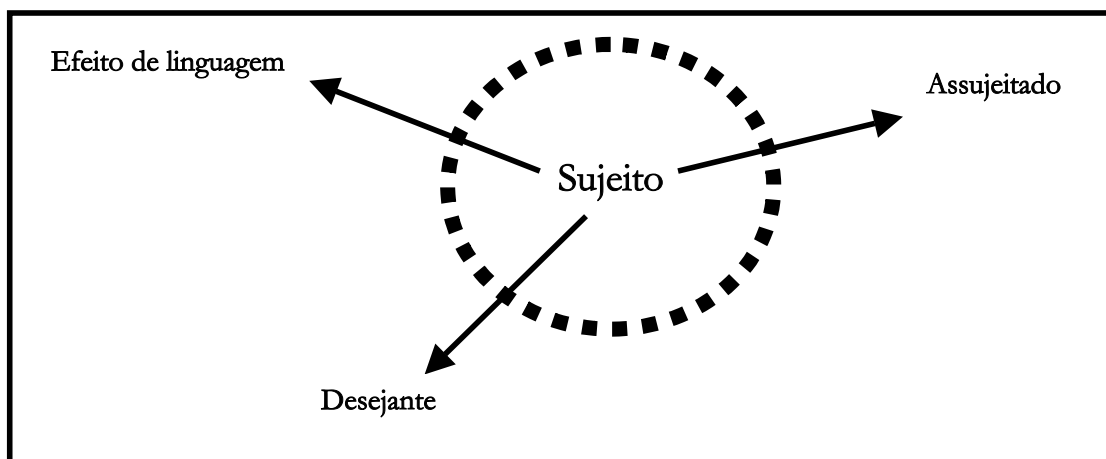
Esse é o seu *real*, o *real do sujeito*, poderíamos acrescentar, da nossa perspectiva.

A falta fundadora do sujeito traz à tona igualmente uma outra condição paradoxal, como nos aponta Elia - em seu livro *O conceito de sujeito*: “... ela não se produz por si mesma, mas requer o ato constituinte do sujeito para se fazer como falta” . Ou seja, “a falta é fundante do sujeito, mas em contrapartida requer o ato do sujeito para se fundar como falta”. (Elia, 2004,p.48).

3. O efeito de estrutura

O que queremos ressaltar no presente trabalho é que o **efeito de estrutura**, comum ao sujeito, à linguagem e à ideologia, deixa sempre *furo* e, em torno desse furo, é que irá se travar o embate pela completude, um movimento incessante que age como uma injunção para o sujeito. O furo seria, assim, o lugar do *espanto*, do *estranho*, que faz funcionar as ‘estruturas’, que em sua forma de organização tenderiam ao fechamento, donde, a busca incessante de soldar o buraco que lhes é constitutivo.

Ao ser constituído pela linguagem, o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito enquanto *efeito de linguagem*. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como *assujeitado*. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como *desejante*. *Efeito de linguagem, assujeitado e desejante*, eis, então, nossa categoria em toda sua complexidade e heterogeneidade, unida de modo indissolúvel, na topologia do nó borromeano, *à linguagem, à ideologia e à psicanálise*.



A morada do sujeito fica tomada, como se vê, pela inscrição ideológica que se marca no desejo, o qual opera por deslizamento em um plano de contigüidade e remete sempre a uma falta. E o campo comum onde essas relações se travam e onde esses conceitos se forjam é o *campo da linguagem*. A morada do sujeito é, então, a morada da linguagem.

Então, chegamos ao ponto que é importante ressaltar: o lugar do assujeitamento, representado pela **ideologia**, e o lugar do desejo, representado pelo **inconsciente**, se encontram e se constituem na **linguagem**.

Ainda que reformule o modo de conceber a relação entre o inconsciente e a ideologia, Pêcheux seguirá firme na sua convicção de que entre tais noções há um modo de constituição mútua que as mantêm paradoxalmente interligadas, ainda que sejam distintas – a *marca ideológica do inconsciente* e a *marca inconsciente da ideologia*. E o caminho para essa aproximação vai se dar precisamente pela *linguagem*, enquanto *forma material*.

O que fica claro em Pêcheux, em que pese todo seu fascínio pela psicanálise, é que em nenhum momento os dois campos teóricos – o do discurso e o da psicanálise – se superpõem ou coincidem. É precisamente essa ‘estranha intimidade’ entre as áreas, que desperta no analista desejo de investigar mais a fundo essas fronteiras e as especificidades e afinidades que aí ocorrem.¹

¹ Em outro artigo (2004) discuto mais de perto a questão da estrangeiridade que cerca as áreas e, em especial, as noções de língua, discurso e sujeito.

4. Voltando às estruturas

Pêcheux, ao pensar a *língua*, o *sujeito*, a *ideologia* e o próprio *discurso*, enquanto **estruturas**, procura afastar-se da concepção predominante quando do apogeu do movimento estruturalista na França. Ainda que imerso e forjado nas idéias e discussões do estruturalismo, Pêcheux procura repensar a noção-chave (estrutura) fora do paradigma reinante, que a tomava como fechada e organizada em torno de um centro

Assim, dá-se um descentramento da estrutura, na linha do pensamento de Derrida: a estrutura estaria presente apenas como um de seus efeitos (*efeito de estrutura*) e seu fechamento funcionaria como *efeito de uma ausência*. O que antes não cabia na ordem do sistema, dado seu caráter de totalidade, consistência e completude, passa agora a ser constitutivo de sua estrutura.

Lacan também refere o descentramento do sujeito. Ao construir o célebre aforismo de que *o inconsciente está estruturado em linguagem*, admite que a linguagem com sua estrutura preexiste à entrada nela de cada sujeito num dado momento do seu desenvolvimento mental. Dessa forma, o sujeito não está no centro de si mesmo e tampouco é a fonte do sentido; e o lugar onde está não tem centro, mas é uma *estrutura*. A “estrutura” em Lacan, contudo, não deve ser tomada no sentido lingüístico, e sim no sentido psicanalítico.

O que essa estrutura tem em comum com a concepção discursiva, que lhe atribuiu Pêcheux, é o fato de representar a inclusão do sujeito para a cena da linguagem e ser marcada por um furo fundante, uma falta constitutiva, que vem a funcionar como verdadeiro motor da estrutura, como força impelente do sujeito. Lacan deu um nome a essa falta, cunhando-a como uma de suas mais importantes invenções teóricas – *o objeto a* – um objeto faltoso, perdido, que o sujeito busca reencontrar, como causa do desejo.

Na Análise do Discurso, essa falta ganha um estatuto teórico através da noção de **real**, que pode desdobrar-se em *real da língua*, *real do sujeito*, *real da história* e *real do discurso*. A noção de *real* revela aqui toda sua produtividade ao ser proposta por Lacan junto às outras duas com as quais encontra-se entrelaçada: o *simbólico* e o *imaginário*.

O **real** é apresentado como um corte na estrutura do sujeito, a falta originária da estrutura. É precisamente em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura. O real é, portanto, o núcleo do inconsciente. Tudo começa a partir dele. Lacan tematiza o real de dois modos: (i) o real é o impossível de ser simbolizado e (ii) o real é o que retorna sempre ao mesmo lugar.

Nas acepções de real com que trabalha a Análise de Discurso – *o real da língua, o real do sujeito, o real da história* – estão presentes o traço da incompletude e da não-sistematicidade. Portanto, ainda que preservando a noção de **sistema** e de **estrutura** no quadro teórico do discurso, vai se dando uma alteração dessas noções no modo como eram empregadas no estruturalismo. Isso se deve, em parte, ao atravessamento da psicanálise, levando em conta “as faltas” e as “falhas” da estrutura; e ao trabalho da ideologia, com seu ritual de assujeitamento, também não isento de falhas.

Em *Discurso: Estrutura ou Acontecimento?*, Pêcheux (1988) assume de vez o **caráter estrutural do discurso**, e rende-se também ao sistema, ao conceber o discurso como *um sistema ao qual se acessa e ao qual se desvela por suas falhas*.

Há aqui outro ponto de aproximação entre o sujeito da psicanálise e o do discurso: ambos são determinados e condicionados por uma **estrutura**, que tem como singularidade o não-fechamento de suas fronteiras e a não-homogeneidade de seu território. Dessa forma, *sujeito, linguagem e discurso* poderiam ser concebidos como *estruturas* às quais se têm acesso pelas *falhas*.

Gostaria para concluir de jogar um pouco com as palavras e propor também para o nosso campo, guardadas as distinções epistemológicas, a inscrição no espaço de uma “escuta discursiva”. Assim como a escuta do inconsciente exige um trabalho analítico que é sustentado por um dispositivo que é próprio da psicanálise, a *escuta discursiva*, sob a forma de um *gesto de interpretação*, também vai na mesma direção exigir do analista do discurso um trabalho de “escuta” que consiste em fazer ver ao leitor, a partir das lentes de um dispositivo teórico-analítico, a opacidade do texto, desnaturalizando o que não é natural, pondo em questão o que parece evidente e trazendo à presença o que se mostra ausente.

Referências Bibliográficas

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

HANNS, Luiz Alberto. Os critérios de tradução adotados. In: FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 2004. p.15-60.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

LACAN, Jacques. *RSI*, seminário inedito, trad.brasil., mimeo, s/d.

LEANDRO FERREIRA, M.Cristina. *Análise de Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade*. Porto Alegre, Correio da APPOA, 2004.p.37-52.

ORLANDI, Eni. *Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso:estrutura ou acontecimento*.(1988). Trad.brasil. Campinas, Pontes, 1993.